

Questões Sociais: Arte e Contextos

Social questions: Art and Contexts

ANA CLAUDIA MONARI* & JANAINA SCHVAMBACH**

Artigo completo submetido a 02 de maio de 2018 e aprovado a 09 de maio de 2018

*Brasil, professora de arte. AFILIAÇÃO: EBM Anita Garibaldi e EBM Jardim do Lago. R. João Aurélio Turati, 742 E - Pres. Médici, Chapecó — SC, 89806-130 — Brasil. Rua Paulo Pasquali, 433 - Efapi, Chapecó — SC, 89809-822 — Brasil. Email: anamonari@unochapeco.edu.br

**Brasil, artista visual e professora. AFILIAÇÃO: Universidade Comunitária da região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Servidão Anjo da Guarda, 295-D — Efapi, Chapecó — SC, 89809-900 — Brasil. Email: artejanaina@unochapeco.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta ações desenvolvidas em uma escola pública municipal, situada na região Oeste Catarinense/Brasil. A prática visou propiciar debates envolvendo questões sociais do entorno do estudante, estabelecendo relações com a arte e artistas contemporâneos.

Palavras-chave: Arte / ensino / artistas, cultura visual.

Abstract: *This article presents actions developed in a municipal public school, located in the West region Catarinense / Brazil. The practice was aimed at fostering debates involving social issues in the students' environment, establishing relationships with contemporary Art and Artists.*

Keywords: *Art / teaching / artists / visual culture.*

Introdução

O presente relato apresenta uma proposta de ensino da arte que objetivou a discussão a partir da realidade dos alunos, proporcionando debates através dos produtos midiáticos que consomem diariamente, as músicas e as visualidades que estão em seu entorno. As ações foram desenvolvidas com alunos do 7º ano da Escola Básica Municipal Herbert de Souza, situada no bairro Efapi — Chapecó/SC, com o intuito de estabelecer relações entre as questões sociais, a arte e artistas contemporâneos. A prática contou com um bimestre de duração, sendo realizada uma aula semanal de 45 minutos.

As aulas foram divididas em momentos para que cada temática fosse trabalhada. As questões sociais discutidas tinham como objetivo fazer com que o aluno refletisse sobre alguns temas pontuais, possibilitando compreender as mais diversas formas de violência contra a mulher, machismo e abusos; entender como o racismo se constitui e discutir sobre os padrões de beleza e as imposições midiáticas.

Esses estudos são necessários, visto que, os alunos convivem com bens e meios da indústria cultural que, muitas vezes, ignora o sujeito e o vê como um objeto manipulável, passível a consumir, seja produto midiático, produção cultural, reprodução ideológica, ou imposições relacionadas a padrões e comportamentos (Horkheimer & Adorno, 2002).

1. Arte e questões sociais

A arte se faz presente desde os primórdios da humanidade, pois acompanha o desenvolvimento de cada sociedade, sendo utilizada como veículo de expressão e comunicação. A arte contemporânea, em específico, nos trás uma diversidade de linguagens, práticas e formas. Para Archer (1954:01) “quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas”. Assim, diversos artistas utilizam as mais variadas linguagens dentro da Arte para questionar, inclusive, os problemas da sociedade.

Uma das grandes influências na arte foi o impacto do feminismo nos anos 70, a ação da mulher como sujeito independente colocava em cheque a questão identitária. “A identificação e a compreensão de que alguém se diferencia dos outros englobam considerações sobre sexualidade, classe social, origem racial e cultural” (Archer, 1954:133).

Neste período, podemos citar algumas artistas mulheres que impactaram com seus trabalhos como Judy Chicago, com a sua instalação *O jantar* 1974-79; Monica Sjöo com sua pintura *Deus dando a luz*, 1968; Luise Bougeois, *Fillette*

1968; Adrian Piper, *Eu sou a localização* 1975; Nancy Spero, *Tortura de mulheres*, 1976; Mary Kelly, *documento pós-parto* 1978, entre tantas outras (Archer, 1954).

Dentro dessa poética e crítica social feminista, podemos citar também a artista norte americana Barbara Kruguer (1945), que em seu trabalho *Não seremos mais vistas nem ouvidas* (1985) organizou *layouts* para revistas, onde alterou as convenções midiáticas, inserido frases de impacto em imagens passíveis a novas interpretações e questionamentos (figura 1). As frases utilizadas no tom autoritário publicitário foi convertido da ordem do macho dominante se referindo a fêmea submissa. Assim, a voz feminina exprime ao homem as suas condições desiguais. A artista também combinou as palavras com traduções em língua de sinais, sugerindo a resistência das mulheres. (Heartney, 2002:56).

Lorna Simpson (1960), também discute questões sociais em seus trabalhos, mais especificamente falando sobre a mulher negra e como a mesma é percebida na sociedade em que está inserida (Heartney, 2002:70).

No Brasil, esses temas irão assumir diversas posturas políticas e sociais. A artista Cris Bierrenbach, nascida em 1954, na cidade de São Paulo, utiliza seu corpo como suporte para a produção artística. Em sua série de fotografias *Retrato íntimo* (2003), utiliza diversos objetos cortantes, os quais insere na vagina e posteriormente passa por um exame raio X (Figura 2). Esse trabalho permite a discussão entorno da invasão do corpo sofrida pelas mulheres em seus mais diversos formatos. (Chiodetto, 2004)

A artista brasileira Nazareth Pacheco (1961) também apresenta em seu trabalho fortes críticas sociais, mais especificamente sobre o corpo e as modificações realizadas para adequá-lo aos padrões. Os trabalhos são em sua maioria tridimensionais e confeccionados com objetos cortantes e agressivos, (Figura 3) apresentados como ferramentas de tortura.

As produções artísticas que trabalham com questões de cunho político e social devem ser inseridas na escola para discussão e debate, com o intuito de promover reflexões críticas desses acontecimentos no cotidiano. Esse embate em torno da cultura visual possibilita a compreensão das relações entre a história e os acontecimentos de seu meio. Para isso é necessário explorar diversas ferramentas, como “Nos vídeoclips, ou nas telas da internet; os realizados pelos docentes e pelos próprios alunos. Explorar o que implica a presença de um cânone, de uma norma, de determinados autores e obras seria uma fase desse processo de compreensão” (Hernández, 2000:50).

Assim, discutir a cultura visual do aluno é fundamental para a compreensão dos fatos que acontecem na sociedade. Como exemplo, tratando-se das temáticas abordadas, a estatística sobre casos de feminicídio divulgados nas mídias



Figura 1 · Sem título (Não seremos mais vistas nem ouvidas, Bárbara Kruger, 1945 Fonte: <http://estudiomistura.blogspot.com.br/2009/08/arte-feminismo-pos-moderno.html>

Figura 2 · Retrato íntimo, Cris Bierrenbach, 2003 Fonte: <https://crisbierrenbach.com/pessoal/foto/retrato-intimo/>

Figura 3 · Sem título, Nazareth Pacheco, 1999 Fonte: <http://heloisamarra.com/index.php/blitz/38379-a-arte-cortante-de-nazareth-pacheco>

locais é preocupante, sendo que a média é de uma mulher assassinada a cada duas horas no Brasil. No Estado de Santa Catarina no ano de 2017 aconteceu praticamente um feminicídio por semana. Chapecó é considerada a terceira cidade mais violenta de Santa Catarina para as mulheres, contando com aproximadamente 1.300 boletins de ocorrência, 7 assassinatos caracterizados como feminicídio e 80 casos por estupro, esses dados somente no ano de 2017.

Uma pesquisa realizada no ano de 2017 também destaca que 45% dos brasileiros convivem com comentários preconceituosos, destacando especificamente comentários machistas (99%), racial (97%), LGBTQs (97%) e estéticos (92%). Podemos destacar comentários preconceituosos também sendo difundidos em letras musicais consumidas pelos adolescentes, principalmente no gênero musical *Funk*. O *Funk* é originário da música negra norte-americana ainda na década de 1960 e popularizou-se pela sua batida rítmica, frases repetidas e dançantes. O estilo foi muito utilizado para mostrar a vida na favela e, atualmente destaca-se pela conotação sexual.

Assim, discutir as mídias em sala de aula, possibilita ao aluno uma experiência próxima ao que vive diariamente. Conforme nos diz Ana Mae Barbosa,

a educação emocional dos jovens está entregue aos meios de comunicação de massa. Com eles aprendem sobre amor, sexo, ciúme, etc. Educam o sentir através das novelas, dos filmes e dos grandes shows musicais que criam uma comunidade de interesse entre eles, uma linguagem comum e uma solidariedade afetiva. (1985:148)

Portanto, as questões sociais abordadas, abrangem as ações que decorrem na sociedade e que prejudicam quem sofre com o preconceito, violência e exclusão. Essas questões são pertinentes a população como um todo, mas para serem evidenciadas e extintas é preciso a conscientização sobre as práticas que acarretam na sua formação.

2. Prática Docente

A necessidade de realizar esse projeto iniciou-se a partir da observação da realidade dos alunos, sendo que a comunidade escolar é próxima a regiões periféricas da cidade, com grande fluxo de imigrantes Haitianos e Senegaleses e com Agroindústrias nas proximidades, fonte de renda de algumas famílias. Os alunos possuem em suas residências acesso diversas mídias eletrônicas, televisão, rádio e principalmente *internet*.

Com o advento da tecnologia e mídias, torna-se visível a intolerância e discursos de ódio lançados nas redes sociais usadas muitas vezes como ferramen-

ta para opressão e para o reforço de preconceitos. É necessário considerar que o aluno é consumidor da indústria cultural, que faz com que necessite dela e assim torne-se um objeto do sistema. A publicidade é uma das grandes ferramentas dessa indústria que produz a mercadoria cultural de acordo com seus interesses e ideologias (Horkheimer & Adorno, 2000).

Os estudos sobre a arte contemporânea e as questões sociais iniciou-se a partir das músicas que os alunos ouviam e reproduziam no espaço escolar. Para primeira prática, os alunos foram instigados a trazê-las para a sala de aula para um diálogo e para que fosse possível entender qual a relação dos alunos com as letras.

Para organização, as aulas foram organizadas em três momentos:

- 1º — A mulher na sociedade e questões de gênero;
- 2º — Padrões de beleza;
- 3º — Preconceito racial;

No primeiro momento, utilizando-se das letras das músicas com conteúdo violento, machista e de objetificação da mulher, realizou-se uma contextualização histórica sobre a presença feminina na sociedade, para que pudessem compreender a forma como a mesma foi consolidada. Assim, foram utilizados dados estatísticos que computavam a violência contra a mulher, estupro e abusos. Em seguida, foram realizados questionamentos sobre os dados, instigando os alunos a refletirem sobre o porquê de tantos casos. Algumas falas presentes no discurso foram “as mulheres não sabem escolher o marido, apanham e depois ainda continuam com ele”, “algumas são estupradas porque não se cuidam, saem sozinhas e mal vestidas”. Para entendimento, foi contextualizada a forma como analisamos essas situações, culpabilizando as vítimas e deixando de responsabilizar a ação masculina no ato. Foi abordado a forma como essas situações são naturalizadas, utilizando como exemplo algumas letras de músicas, como: “Vou abusar bem dessa mina. Toma pica tranqüilinha. Primeira vez foi covardia, não te conhecia, agora toma” (Mc Livinho — cantor brasileiro do gênero *Funk* — Covardia 2017) “Eu te amava no tempo da escola. Mas você não me dava atenção. Pedi uma chance, até duas mas você só me disse não (...) Vou marcar de te ver e não ir. Vou te comer e abandonar. Essa é a lei do retorno. E não adianta chorar” (Mc Don Juan — Cantor Brasileiro do gênero *Funk* — Lei do Retorno 2017). Ao refletir, perceberam a forma como alguns trechos são abusivos.

Para complementação das falas acerca da objetificação das mulheres, foram utilizadas, frases ditas por humoristas conhecidos pelos estudantes, como: “Mulheres feias deveriam agradecer caso fossem estupradas, afinal os estupradores estavam lhe fazendo um favor, uma caridade” (Rafinha Bastos — Humorista brasileiro), como também, anúncios publicitários (Figura 4).

Os alunos foram instigados a refletir sobre as imagens publicitárias, realizando um contraponto com o nu feminino na arte renascentista. O nu possui entonações diferentes, homens e mulheres possuem representatividades distintas. A mulher aparece como objeto de contemplação, específico para o olhar masculino (Heartney, 2002:52)

Para estabelecer relações com a arte, foram utilizados artistas contemporâneos que questionavam os temas trabalhados. Inicialmente, realizou-se uma conversa sobre a artista Barbara Kruguer (1945), promovendo leituras de imagem sobre o trabalho, *Não seremos mais vistas nem ouvidas*. Outra artista apresentada foi Cris Bierrenbach (1964) e seu trabalho “Retrato Íntimo” (2003). O trabalho em questão gerou vários debates em sala, pois através dele podem ser questionados vários tipos de violência sofridas pelas mulheres.

Durante as abordagens, surgiu também a questão da violência contra a comunidade LGBTQ (Lésbicas, gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Para debate sobre o assunto, apresentou-se notícias divulgadas nas mídias sobre ataques contra os LGBTQs, devido a sua opção sexual. Para contextualizar como a sociedade é responsável como um todo por esses ataques, simples ações do cotidiano foram citadas, incluindo os apelidos em sala, como: “veadinho”, “gay” etc.

No segundo momento do projeto, iniciou-se a fala sobre os padrões de beleza e suas influências. Inicialmente foram questionados sobre o que seria um padrão a ser seguido e a forma como isso se consolida. Para melhor compreensão, realizou-se uma abordagem sobre as mudanças nos padrões de beleza idealizados para cada época, incluindo na conversa a Vênus de Willendorf, que acredita-se ser uma idealização da mulher perfeita para a época em que foi esculpida.

Foram apresentadas imagens de revistas, jornais, programas televisivos e redes sociais, onde o padrão mais almejado gira em torno da pessoa magra, alta, e com traços europeus. Para contextualização, utilizou-se imagens de bailarinas de programas de auditório em que a grande maioria segue o padrão de beleza citado (Figura 5). Em contraponto, foi apresentada a bailarina *Thais Carla*, dançarina da cantora *Anitta*, e que recentemente foi alvo de ataques gordofóbicos na rede social *instagram* devido a postagens de fotografias suas.

Ao apresentar a imagem, (Figura 6) imediatamente alguns estudantes riram ou se referiram ao corpo de forma inconveniente. Então, foram questionados a refletir o porquê dessa reação ao ver a imagem. Um dos estudantes comentou *Ela deveria usar uma roupa mais longa!* Ao serem questionados sobre a roupa ser da mesma proporção que as demais, ficaram sem resposta. Assim, refletiram sobre a forma como somos induzidos a rejeitar quem foge do padrão estabele-



Figura 4 · Anúncio publicitário, 2007. Fonte: www.fatosdesconhecidos.com.br/6-propagandas-de-cerveja-que-causaram-maior-confusao/

Figura 5 · Bailarinas de programa de auditório brasileiro. Fonte: <https://rd1.com.br/atuais-bailarinas-do-faustao-podem-ser-substituidas/>

Figura 6 · Thais Carla, bailarina da cantora Anitta, 2017. Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/moda/thais-carla-bailarina-de-anitta-esta-linda-e-plena-nesse-ensaio/>

cido. Para contextualização, apresentou-se os trabalhos da artista Nazareth Pacheco (1961), para discutir a forma como buscamos nos enquadrar nos padrões, utilizando todos os métodos possíveis, incluindo cirurgias.

Na aula seguinte, um aluno trouxe para debate um caso de preconceito racial, no qual a filha adotiva de um casal de atores nacionais foi alvo de comentários feitos em um vídeo por uma *socialite* que chama a criança de “*macaco horrível com cabelo de pico de palha*”. Dentro desta temática, para o debate, foi apresentada a artista Lorna Simpson (1960), que questiona através do seu trabalho a presença das mulheres negras na sociedade e como as mesmas são percebidas.

Direcionando a aula para o contexto local, Chapecó recebeu nos últimos anos diversos imigrantes vindos do Haiti e Senegal, assim, para uma melhor contribuição, recebemos a visita do rapper Malko J. Joseph, natural do Haiti, para que o mesmo pudesse relatar casos de preconceito que já vivenciou na cidade.

Inicialmente, o rapper contou um pouco sobre a sua vida e as diversas formas de preconceito que já enfrentou, incluindo ser barrado em entrevistas de emprego, agressões físicas e verbais. Para integração dos alunos com o conteúdo trabalhado, Malko cantou com os alunos algumas de suas músicas que discutem questões sociais. Com o auxílio da mesa de som trazida pelo rapper, os alunos puderam fazer ensaios (Figura 7), assim como, escreveram frases de impacto a partir das temáticas discutidas.

Após captura das imagens, as mesmas foram reunidas e projetadas em sala para discussão das frases escolhidas e para que cada aluno pudesse falar sobre a sua.

Considerações

Foi possível observar a importância de englobar as situações cotidianas nos estudos em sala de aula. Questionar e discutir a realidade possibilita ao aluno pensar criticamente sobre os acontecimentos de seu meio, assim como, permite que o mesmo saiba analisar as imagens e símbolos que consome através das mídias que têm acesso e das visualidades de seu cotidiano.

Considerando o bombardeio de imagens e informações as quais os alunos são expostos diariamente, às práticas foram de grande valia para que consigam refletir sobre a indústria cultural que os rodeia, independentemente da forma como se manifesta.

A prática relatada ainda será concluída, sendo que o objetivo final é escrever uma letra completa de rap, realizando trocas entre a turma para a composição. Ao final, a letra será gravada com os alunos e a mesma será reproduzida no espaço escolar.



Figura 7 - Ensaios de Rap. 2017 Fonte: Arquivo pessoal. Como prática final, os estudantes deveriam analisar as frases rascunhadas durante os ensaios de rap para utilizá-las em pequenos cartazes, para que posteriormente fosse utilizado em uma fotografia (Figura 8, Figura 9 e Figura 10).

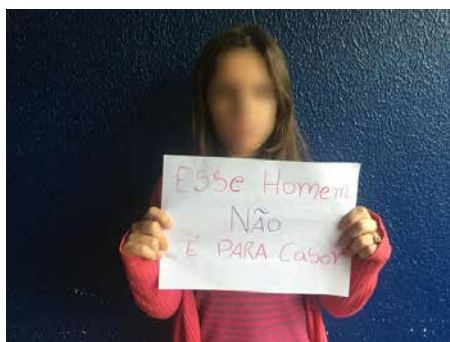


Figura 8 · Fotografias com frases de protesto. 2017
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 · Fotografias com frases de protesto. 2017
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10 · Fotografias com frases de protesto.
2017 Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

- Archer, Michael. 2001. *Arte contemporânea: Uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes,
- Barbosa, Ana Mae. 1985. *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Editora Max Limonad,
- Hernández, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- Heartney, Eleanor. 2002. *Pós-modernismo*. São paulo: Editora Cosac & Naify,
- Horkheimer, Max & Adorno, Theodor. 2002. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas*. In: Lima, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, Marra, Heloisa. *A Arte cortante de Nazareth Pacheco*. [Consulta em 2018-04-01] Disponível Em URL <http://heloisamarra.com/index.php/blitz/38379-a-arte-cortante-de-nazareth-pacheco>
- Chiodetto, Eder. *O feminino e os espelhos*. 2004. [Consulta em 2018-04-01] Disponível em URL <https://crisbierrenbach.com/textos/o-feminino-e-os-espelhos/>
- Itaú Cultural. *Nazareth Pacheco*. [Consulta em 2018-04-01]. Disponível em URL <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10018/nazareth-pacheco>